

O USO DE CARTILHA PSICOEDUCATIVA PARA A PREVENÇÃO À DROGADIÇÃO NA ADOLESCÊNCIA

OLIVEIRA CA*,
MATOS ES,
VENÂNCIO MC,

Centro Antitóxicos de Prevenção e Educação – Divisão Estadual de Narcóticos (CAPE/DENARC), Rua José Loureiro, nº 376, 1º andar. Fone +55 41 3321-1920, e-mail cape@pc.pr.gov.br

RESUMO

A adolescência é caracterizada como um período do desenvolvimento com intensas modificações físicas e psicológicas, o que pode ser um processo angustiante para o adolescente e o levar a uma crise de identidade, o que, em alguns casos, resulta num comportamento de risco, assim como a exposição ao uso de drogas. Considerando este cenário e compreendendo sua complexidade, foi aplicado um questionário sobre as drogas para 34 alunos do ensino fundamental de uma Instituição de Ensino de Curitiba-PR, ministrada pelas pesquisadoras uma palestra e distribuído uma cartilha informativa, elaborada pelo CAPE/DENARC. O resultado desta pesquisa foi analisado através da comparação entre a maior pontuação obtida na aplicação I do questionário e na aplicação II do mesmo questionário, sendo este aplicado 30 dias após a palestra, notando-se que antes do trabalho psicoeducativo apenas 82,35% dos alunos recusariam a droga com segurança e após o trabalho psicoeducativo obteve-se o percentual de 94,11% de alunos que recusariam a droga com segurança. Constatando-se a efetividade do trabalho preventivo sobre a drogadição através do aumento significativo das porcentagens corroborando para a prevenção ao uso de drogas na adolescência.

Palavras-chave: Cartilha Psicoeducativa; Adolescência; Prevenção de Drogas

Área de Concentração: Psicologia

Opção de Apresentação: CASE

O USO DE CARTILHA PSICOEDUCATIVA PARA A PREVENÇÃO À DROGADIÇÃO NA ADOLESCÊNCIA

OLIVEIRA CA, *
MATOS ES,
VENÂNCIO MC,

Centro Antitóxicos de Prevenção e Educação – Divisão Estadual de Narcóticos (CAPE/DENARC), Rua José Loureiro, nº 376, 1º andar. Fone +55 41 3321-1920, e-mail cape@pc.pr.gov.br

RESUMO

A adolescência é caracterizada como um período do desenvolvimento com intensas modificações físicas e psicológicas, o que pode ser um processo angustiante para o adolescente e o levar a uma crise de identidade, o que, em alguns casos, resulta num comportamento de risco, assim como a exposição ao uso de drogas. Considerando este cenário e compreendendo sua complexidade, foi aplicado um questionário sobre as drogas para 34 alunos do ensino fundamental de uma Instituição de Ensino privado de Curitiba/PR, ministrada pelas pesquisadoras uma palestra e distribuído uma cartilha informativa, elaborada pelo CAPE/DENARC. O resultado desta pesquisa foi analisado através da comparação entre a maior pontuação obtida na aplicação I do questionário e na aplicação II do mesmo questionário, sendo este aplicado 30 dias após a palestra, notando-se que antes do trabalho psicoeducativo apenas 82,35% dos alunos recusariam a droga com segurança e após o trabalho psicoeducativo obteve-se o percentual de 94,11% de alunos que recusariam a droga com segurança. Constatando-se a efetividade do trabalho preventivo sobre a drogadição através do aumento significativo das porcentagens corroborando para a prevenção ao uso de drogas na adolescência.

Palavras-chave: Cartilha Psicoeducativa; Adolescência; Prevenção de Drogas.

Área de Concentração: Psicologia

A dependência química é uma problemática decorrente do uso de substâncias psicoativas de forma abusiva. Na atualidade corresponde a um fenômeno amplamente divulgado e discutido, uma vez que o uso abusivo dessas substâncias se tornou um grave problema social e de saúde pública em nossa realidade (PRATTA e SANTOS, 2009). A discussão sobre esse tema traz à tona questões relacionadas diretamente ao campo da saúde. Sabe-se que o uso de drogas está ocorrendo com pessoas cada vez mais jovens e com substâncias de teor tóxico cada vez mais elevado (BUCHER, 1996 citado por Rigotto, 2002).

É importante compreender que a adolescência tem características específicas, sendo um processo de intensas modificações. Assim, a adolescência tem características individuais que são aprendidas ao longo da vida e exigem uma postura diferente na busca pela liberdade e emancipação na condição de jovem. Portanto, o processo de mudança pode ser muitas vezes angustiante e levar o adolescente a uma crise de identidade, a qual pode ser vivida com diferentes intensidades, mas que ao longo do desenvolvimento se torna um elemento fundamental de diferenciação (BOCK, 2002). Destaca-se a importância dos fatores socioculturais e familiares que por hora determinam um caminho específico, influenciam a formação social e auxiliam a criança e ao adolescente a adaptarem-se as suas necessidades ou modificá-las. Dentro do contexto sociocultural vivido pela criança e pelo o adolescente, a família tem papel central, visto a importância que esta assume como grupo primário, na constituição da identidade e das primeiras experiências afetivas e educativas do sujeito (BOCK, 2002). Nesse sentido, a relação familiar será observada pela Legislação como importante para o desenvolvimento das crianças e adolescentes (BRASIL, 2007).

Na adolescência a busca pela identidade vai além do modelo das práticas parentais, envolve a autoestima, autoafirmação, identificação com grupos – religiosos, escolares, musicais, estéticos – exploração de novos papéis e funções sociais. Esta etapa da vida é extremamente significativa na vida do sujeito, pois frequentemente apresentam um comportamento de risco, ou seja, mantém relações sexuais, são vítimas da violência intra e extrafamiliar e ao uso e abuso de drogas.

Neste contexto, o comportamento de risco coloca o adolescente em extrema vulnerabilidade, afetando diretamente seu estado psicológico e fisiológico, problema este que muitas vezes é mascarado pelo uso de substâncias psicotrópicas. Segundo Campos *apud* Habigzang, Diniz e Koller (2014, p. 43), as drogas são substâncias que podem inibir, acentuar ou modificar o comportamento [...] do indivíduo. Sendo assim, o uso e o consumo podem levar a dependência psicológica e física, sendo um modelo variável intermitente ou contínuo, por razões sociais, emocionais ou até mesmo o uso experimental como o fator que leva a dependência química, em outras palavras, “quanto maior o número de fatores de risco no ambiente, maior é a chance do adolescente usar de forma abusiva as drogas.” (HABIGZANG, DINIZ, & KOLLER, 2014, p. 44).

Apesar das diversas formas de situações de risco, é possível estabelecer um paralelo que exposição não depende do contexto social, pois estudos comprovam que não existe um perfil específico para se expor a riscos e se tornar um dependente químico. Este comportamento pode ser visto como parte da construção da própria identidade ou autoafirmação, a qual na maioria das vezes é proveniente de conflitos e contradições de valores, alguns consideram uma maneira de evitar uma situação que parece insustentável ou pelos ‘benefícios’ imediatos que a droga causa. Assim, ora evitam as normas e regras, outrora questionam os valores familiares, por fim acabam utilizando a droga como fuga da realidade e autoafirmação.

No entanto, não é possível atribuir um único significado ou um responsável para o uso/dependência de substâncias psicoativas, pois quando se fala em adolescência, têm-se indivíduos que estão passando por transformações corporais, sociais e mentais abruptas, buscando para si uma identidade. Sendo assim, “os adolescentes devem ser compreendidos de acordo com seu período de desenvolvimento biopsicossocial e todas as influências, mudanças e conflitos que vivenciam.” (HABIGZANG, DINIZ & KOLLER, 2014, p. 44).

Quando diz respeito a direitos humanos, é importante entender que dentre seus aspectos, o direito à educação é um dos primeiros vivenciados pelo ser humano em seu ciclo social. A escolarização, que tem sido negligenciada para tantas crianças,

adolescentes e jovens, sobretudo os mais pobres, é um lugar para se falar de prevenção. O local que proporciona o entendimento de prevenção abre portas para outros direitos da vida, além da saúde, uma vez que a escola é o lugar mais adequado para o desenvolvimento de ações preventivas voltadas à melhoria da qualidade de vida. Contudo, é relevante o despreparo da maior parte dos professores, principalmente o que se refere às drogas ou comportamentos sexuais dos alunos.

Segundo a Federação Brasileira de Comunidades Terapêuticas (FEBRACT citado por Bertoni, 2010), a prevenção é classificada em diferentes níveis, dependendo da população e do perfil de intervenção, sendo elas: a prevenção primária: Tem por objetivo evitar o problema, diminuindo a incidência e prevenindo o uso da droga antes que se inicie; Prevenção secundária: Ocorre quando surge o consumo das drogas; Prevenção terciária: Já existe a dependência da droga, implica incentivar os usuários a procurar uma terapia adequada, incentivar o diálogo com a família, acreditar na recuperação e colaborar na reintegração social.

O fato é que as escolas apresentam grandes dificuldades em ações de prevenção secundária e terciária. Isto se dá pela falta de conhecimento quanto ao abuso de drogas, ou falta de repertório comportamental acerca do assunto (BERTONI, 2010). O Ministério de Educação tem a responsabilidade de estabelecer campanhas e atividades de prevenção ao uso de drogas psicotrópicas (NOTO, 1999).

Dentre os modelos de informativos de prevenção, destacam-se duas principais vertentes: o modelo baseado em amedrontamento, ou seja, divulgação apenas dos prejuízos causados pela droga, fortalecendo atitudes saudáveis, instruindo e sensibilizando crianças, adolescentes e jovens limitando o conteúdo oferecido; e o modelo de informação científica, em que de forma geral o conhecimento acerca das drogas e de usuários é fornecido com o objetivo de que haja identificação mais aproximada possível da realidade acerca do mundo das drogas. Vale salientar que é necessário compreender o tipo de modelo mais adequado a cada circunstância e contexto, respeitando as características da comunidade e público específico (NOTO, 1999).

Otimizando a autonomia do sujeito em suas escolhas e considerando o modo como as sociedades humanas sempre conviveram com o uso de algum tipo de substância psicoativa, o acesso ao conhecimento é a forma mais adequada de prevenção. As ações preventivas que visa a redução de danos possivelmente não produzam uma rejeição total ao contato com as drogas, no entanto, acredita-se que quanto mais conhecimento o indivíduo tiver e consciente estiver, diminui as chances do indivíduo se envolver com as drogas (CARLINI-COTRIM citado por Muller, 2008).

O método utilizado para o desenvolvimento deste artigo foi a coleta de dados foi realizada por meio de pesquisa quantitativa, em que os dados obtidos por meio da aplicação do instrumento pré palestra e após 30 dias foi reaplicado o mesmo questionário sobre o conhecimento das drogas e entrega de material com informações científicas sobre drogas, previamente autorizadas pela escola e pelos pais ou responsáveis em 34 crianças entre 12 e 13 anos, estudantes do 5º ano do Ensino Fundamental em Instituição de Ensino Privado de uma capital do sul do País.

Para coleta de dados foi utilizado na entrevista o Termo de Autorização (TA) assinado pela assessora pedagógica, a Ficha de Identificação para identificar os participantes e para coleta de dados, buscando “avaliar a efetividade do trabalho preventivo ao uso de drogas e pela cartilha 'Consequências do Uso de Drogas’” através do questionário aplicação I pré palestra e posteriormente a aplicação II do mesmo questionário pós palestra.

Os alunos responderam o questionário I pré palestra, após a autorização da assessora pedagógica, mediante ao preenchimento do TA, o questionário foi respondido pelo aluno. Trinta dias após a palestra preventiva sobre o uso de drogas e a entrega da cartilha psicoeducativa 'Consequências do Uso de Drogas', estes alunos responderam o questionário II pós palestra. As instruções sobre o preenchimento do questionário I e II foram fornecidas pelas pesquisadoras, orientando-os sobre o objetivo e a importância da pesquisa.

Resultado

Esta pesquisa investigou a efetividade do trabalho preventivo sobre o uso de substâncias psicoativas de uma amostra de 34 crianças entre 12 e 13 anos, de ambos os sexos. A finalidade desse estudo foi avaliar a efetividade da palestra e da cartilha psicoeducativa para prevenção ao uso de drogas. Compreende-se a prevenção em três níveis, dependendo do público assistido. Portanto, neste caso trata-se da prevenção primária que tem por objetivo evitar o problema, diminuindo a incidência e prevenindo o uso da droga antes que se inicie (FEBRACKT citado por Bertoni, 2010).

Os dados foram analisados através da comparação entre os resultados obtidos na aplicação I e II do questionário, composto por 5 perguntas cuja alternativas pontuam: 4 – indicando que o participante possui maior nível de informação preventiva, 3 e 2 – indicando que o participante possui pouco conhecimento sobre o assunto e 1 – indicando que o participante possui menor nível de informação preventiva, sendo que os resultados obtidos nas pontuações 3, 2 e 1 foram desconsiderados. O percentual de respostas relevantes para a pesquisa na aplicação I e II do questionário foram as respostas que pontuam 4 (maior nível de informação preventiva sobre drogas) relacionadas ao percentual de respostas de pontuação inferior a 4 nas 5 questões. As questões avaliadas foram:

“Q1. Você já teve acesso a alguma informação preventiva ao uso de drogas?”

a) Sim, qual (is)? b) Não;

Q2. Assinale a opção correspondente ao seu conhecimento sobre drogas:

a) Tenho conhecimento, me informei e estudo sobre o assunto.

b) Conheço ou convivo com alguém que faz uso de drogas.

c) Conheço pelo que vi na TV, Rádio, Internet, livros ou outros.

d) Nenhum conhecimento.

Q3. Sobre a dependência que as drogas causam você considera estar:

a) Totalmente informado e apto para prevenir outras pessoas.

b) Conheço ou convivo com alguém que é dependente.

c) Conheço pouco e gostaria de ter mais conhecimento sobre o assunto.

d) Nenhum conhecimento.

Q4. Você acredita que um material informativo sobre drogas específico para sua idade é capaz de evitar que adolescentes entrem para o mundo das drogas? Se a resposta for “não” Justifique sua resposta:

- a) Sim.*
- b) Não. Justifique.*

Q5. Como você se comporta se alguém lhe oferecer algum tipo de droga:

- a) Recuso com segurança a oferta.*
- b) Recuso a oferta, com insegurança.*
- c) Posso aceitar a droga, se um conhecido me ofertar.*
- d) Não sei como agir nesta situação.”*

Observa-se nos dados coletados de pontuação 4 (maior nível de informação preventiva sobre drogas) na Aplicação I, desconsiderando as pontuações inferiores:

Q01 - 79,41% dos entrevistados responderam ter acesso a informação preventiva sobre drogas, sendo estas adquiridas na TV, rádio, internet.

Q02 - somente 20,58% obtiveram conhecimento através de informações com o foco preventivo.

Q03 - 52,94% dos alunos se consideram totalmente informados e aptos para prevenir outras pessoas.

Q04 - 85,29% acreditam que o acesso ao material informativo é capaz de evitar que adolescentes tenham contato com a droga.

Q05 - 82,35% se consideram aptos para recusar a oferta da droga com segurança.

Observa-se nos dados coletados trinta dias após a aplicação I, sendo analisados de pontuação 4 (maior nível de informação preventiva sobre drogas) na Aplicação II, desconsiderando as pontuações inferiores:

Q01 - 100% dos entrevistados responderam ter acesso a informação preventiva sobre drogas, sendo estas adquiridas na TV, palestras e livros.

Q02 - 44,11% obtiveram conhecimento porque se informou e estudou sobre o assunto de foco preventivo.

Q03 - 85,29% dos alunos se consideram totalmente informados e aptos para prevenir outras pessoas.

Q04 - 82,35% acreditam que o acesso ao material informativo é capaz de evitar que adolescentes tenham contato com a droga.

Q05 - 94,11% se consideram aptos para recusar a oferta da droga com segurança.

A figura abaixo ilustra a comparação da efetividade do trabalho desenvolvido na instituição antes e após a palestra e distribuição da cartilha psicoeducativa sobre prevenção e educação ao uso de drogas.

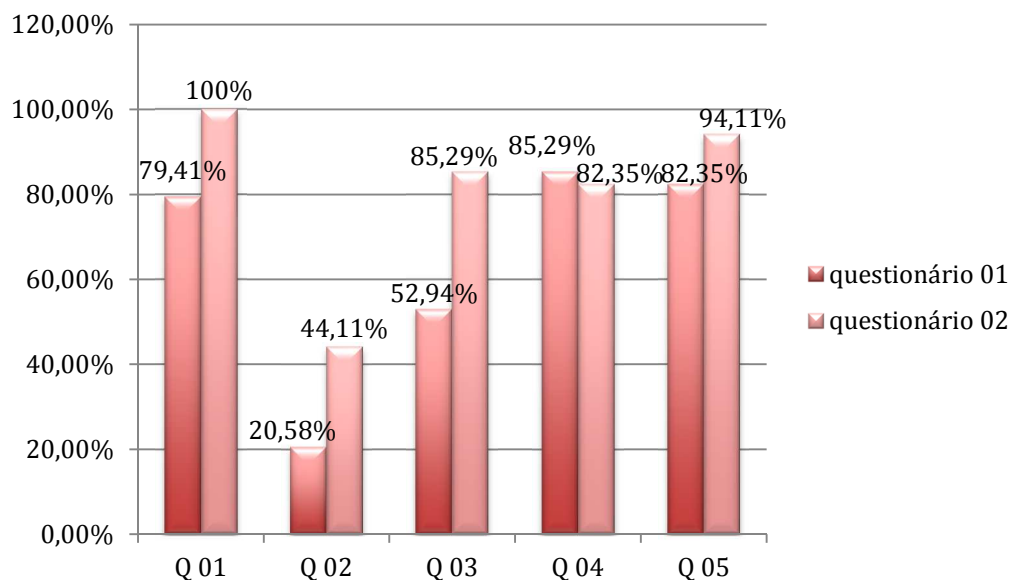


Figura 01: Dados comparativos da aplicação I e aplicação II, realizada no período de 30 dias após a primeira aplicação do questionário (indicados no gráfico como questionário I e II) expondo o percentual de respostas que pontuam 4 (maior nível de informação preventiva) nas 5 questões.

Ao analisar os dados gerais e comparativos entre os resultados dos questionários I e II (figura 01), nota-se a efetividade do trabalho preventivo sobre o uso de drogas através do aumento significativo das porcentagens. Na Q01, inicialmente pré palestra se obteve 79,41% e pós palestra 100% dos alunos responderam ter tido acesso

a informação preventiva ao uso de drogas, comprovando que a utilização de práticas preventivas acarreta para as crianças e adolescentes comportamentos protetivos e de segurança frente a oferta da droga.

O percentual obtido na Q02 pré palestra foi de 20,58% e pós palestra foi de 44,11%, indicando o dobro do dado obtido anteriormente e que as crianças e adolescentes consideram ter conhecimento porque se informaram e estudaram sobre o assunto. Na Q03 pré palestra o dado obtido foi de 52,94% e pós palestra 85,29%, indicando que após a palestra se sentem aptos para prevenir outras pessoas em relação ao uso de drogas. Mesmo sendo fundamental, a informação isolada não consegue modificar comportamentos, apenas conceitos e a utilização de materiais didáticos interessantes e estimuladores da discussão no meio estudantil provê informação e motiva a discussão, mas não é capaz de substituir a ação dos profissionais das áreas de ensino e saúde, formal e informal, e deve ser divulgada numa linguagem apropriada à idade e à cultura da população escolar (BAÚS, KUPEK & PIRES, 2002).

Por meio da barra Q04 da figura 01, pode ser observado que os resultados pré palestra foram de 85,29% e pós palestra 82,35%, indicando que nem sempre um material informativo sobre drogas é capaz de prevenir o uso de substâncias psicoativas. Ao analisar o questionário e a justificativa das perguntas abertas foram apresentados os seguintes argumentos: “se ele quiser usar ele usa”, “não ajuda em nada”, “tem gente que usaria de qualquer jeito”, “podem ser influenciados pelo grupo”, “não se preocupam com o uso de drogas”, sendo que algumas perguntas foram respondidas sem justificativa. Dispor de informações parciais é assunto delicado, já que fornecer informações gerais e incompletas aos jovens pode surtir efeito contrário ao esperado (BUCHER, 1988).

Por meio deste trecho, pode-se hipotetizar que no caso dos sujeitos que responderam os questionários e obtiveram conhecimentos preventivos sobre drogas, não ficaram somente sobre controle do material psicoeducativo e preventivo ao uso de drogas, avaliando que o sujeito que recebe ambas as informações ou apenas uma das informações fornecidas pode ser influenciado pelo ambiente social (rede de contatos –

amigos, conhecidos), escolar e familiar. Por outro lado, é importante compreender que adolescência é caracterizada por mudanças psicológicas, biológicas e sociais na vida do sujeito. Essa fase do desenvolvimento é marcada por inúmeras alterações, seja da ruptura da infância e pela preparação para a vida adulta, ou pelas transformações biológicas, o que trazem ao adolescente a necessidade de reorganizar-se no mundo (BOCK, 2002).

Hoje em dia a sociedade vive se modificando muito rapidamente. A cada dia se depara com situações que exigem aprendizagem e novos conhecimentos para responder às necessidades da infância e adolescência. Pais e educadores frequentemente sentem-se confusos e se queixam das diferentes formas de os jovens se comportarem. Entretanto, também as crianças vivem situações complexas: são pressionadas por diversos tipos de grupos; percebem regras sociais contraditórias na escola e na família; convivem com diferentes valores; defronta-se com uma realidade violenta exibida diariamente pelos meios de comunicação. De um lado, vivem sobre constantes cobranças e, de outro, identificam uma permissividade que as deixam perplexas. (DEL PRETTE & DEL PRETTE, 2009, p.15)

Constatou-se que Q05 na aplicação I do questionário - pré palestra, 82,35% dos alunos recusariam a oferta da droga com segurança. Já na aplicação II, 30 dias após a palestra, obteve-se o percentual de 94,11% de crianças e adolescentes que informaram ter habilidade para recusar a oferta com segurança.

Conclusão

No decorrer da análise dos dados desse estudo, pode-se averiguar a efetividade do trabalho preventivo ao uso de drogas e pela cartilha psicoeducativa 'Consequências do Uso de Drogas, através do aumento significativo das porcentagens entre alunos que recusariam a droga com segurança, atingindo o objetivo de fornecer informação sobre comportamentos de risco frente a oferta da droga, assim como foi fornecido informações preventivas, facilitando assim a compreensão sobre os danos causados por cada substância psicoativa.

Por meio deste trabalho, foi possível confirmar a efetividade do projeto de prevenção ao uso de drogas na infância e adolescência, pois com a determinação, o trabalho em equipe e o uso de material psicoeducativo foram ressaltados a importância de se ter acesso a informações preventivas, considerando a hipótese de que irão recusar a oferta de drogas com facilidade e segurança, assim como desenvolver estratégias e falas preventivas para os demais colegas que não tiveram acesso a informação.

Vale ressaltar que os dados obtidos e as conclusões apresentadas nesse estudo são baseados em uma amostra de 34 alunos, estudantes do 5º ano do Ensino Fundamental em Instituição de Ensino Privado de uma Capital do Sul do País, sendo necessário e recomendado a continuidade deste trabalho nas demais instituições que ainda irão receber esse trabalho preventivo, a fim de desenvolver estratégias específicas para maior eficácia da prevenção primária, visando diminuir a incidência de uma doença antes que surja um problema, ou seja, se dá por meio da educação e informação.

É fundamental que este nível de prevenção possa se apoiar nos pais e na escola, e para isso deve haver preparação e informação, evitando que a temática das drogas seja um tabu. Tratar o assunto com assertividade, pontuando que a qualquer momento o aluno pode se deparar com a droga o tornará apto a tomar suas decisões baseadas em seus próprios conhecimentos.

Referências

BAUS, J.; KUPEK, E. & PIRES, M. **Prevalência e fatores de risco relacionados ao uso de drogas entre escolares**. Rev. Saúde Pública, São Paulo, v.36 n.1, 2002.

BERTONI, L. M.; ADORNI, D. S. A. **Prevenção às drogas como garantia do direito à vida e à saúde: Uma interface com a educação**. Cad. Cedes vol. 30, n. 81. Campinas, 2010. (pp. 209-217).

BRASIL, **Estatuto da criança e do adolescente**. Ed 6. Senado Federal, Brasília, 2007.

BOCK, A. M. B. & FURTADO, O. **Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia**. 14. ed. São Paulo: Saraiva, 2008. (p.368).

BUCHER, R. A abordagem preventiva. In: Bucher R, organizador. **As drogas e a vida: uma abordagem biopsicossocial**. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1998.

DEL PRETTE, Z. A. P. & DEL PRETTE. **Psicologia das habilidades sociais na infância: teoria e prática**. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. (p.326).

DENARC – **Divisão Estadual de Narcóticos**. Denarc Paraná. Retirado de <http://www.denarc.pr.gov.br>. Acesso em: 07 jul. 2014.

HABIGZANG, L. F., DINIZ, E. & KOLLER, S. H. **Trabalhando com adolescentes: teoria e intervenção psicológica**. Porto Alegre: Artmed, 2014. (pp.31-44).

MULLER, A., PAUL, C., & SANTOS, N. **Prevenção às Drogas nas Escolas: uma experiência pensada a partir dos modelos de atenção em saúde**. Estudos de Psicologia (Campinas), Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Centro de Ciências da Vida da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, v. 25, n. 4, p. (607-616), 2008.

NOTO, A. R. & GALDUROZ, J. C. F. **O uso de drogas psicotrópicas e a prevenção no Brasil**. Ciênc. saúde coletiva. vol. 4, n.1, (pp. 145-151). ISSN 1413-8123, 1999. Retirado de <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81231999000100012>. Acesso em 19/08/2014.

PRATTA, E. M. M. & SANTOS, M. A. **O Processo Saúde-Doença e a Dependência Química: Interfaces e Evolução**. Psicologia: Teoria e Pesquisa. vol. 25, n. 2, 2009. (pp. 203-21).

RIGOTTO, S. D. & GOMES, W. B. **Contextos de abstinência e de recaída na recuperação da dependência química**. Psic.: Teor. E Pesquisa. vol.18, n.1, 2002. (pp. 95-106) Retirado de: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-37722002000100011>. Acesso em 19/08/2014.